



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
David Ricardo a partir da Ótica de Karl Marx: um debate crítico sobre método em História do Pensamento Econômico (HPE)			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Carla Curty do Nascimento Maravilha Pereira¹	Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro	PEPI/UFRJ	Mestranda (PEPI)
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
A proposta deste artigo é apresentar os principais elementos do método em História do Pensamento Econômico (HPE) exposto por Karl Marx em sua obra <i>Teorias da mais-valia</i> , o livro IV de <i>O Capital</i> , obra considerada fundamental para o estudo sobre HPE em Marx. Através da análise de seus estudos sobre David Ricardo – considerado por Marx um dos principais nomes da economia política burguesa – pretende-se expor a abordagem da HPE realizada por Marx. Entende-se que um elemento fundamental para uma análise em HPE, e, portanto, em teoria econômica, seja a ideologia, elemento indissociável de qualquer formulação teórica. Desta forma, pretende-se investigar como a questão ideológica se apresenta nesta abordagem, de maneira a identificar qual das possíveis diferentes acepções de Karl Marx sobre o conceito de ideologia – questão amplamente debatida na tradição marxista – norteia a sua abordagem sobre HPE.			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Ideologia; história do pensamento econômico; David Ricardo			
ABSTRACT			
The purpose of this paper is to present the main elements of the method in History of Economic Thought (HET) exposed by Karl Marx in his work <i>Theories of Surplus Value</i> , the book IV of <i>Capital</i> , a work considered fundamental to the study of (HET) in Marx. Through the analysis of his studies of David Ricardo - considered by Marx one of the main names in the bourgeois political economy – it is intended to expose the approach of HET performed by Marx. It is understood that a key element in an analysis in HET, and therefore in economic theory, is <i>ideology</i> , an inseparable element from any theoretical formulation. Thus, we intend to investigate how the ideological question is presented in this approach, in order to identify which of the possible different meanings of Karl Marx's concept of ideology - an issue widely debated in the Marxist tradition - guides its approach to HET.			
KEYWORDS			
Ideology; history of economic thought; David Ricardo			

Introdução

Há na tradição marxista um extenso e intenso debate acerca da questão da ideologia (e suas possíveis acepções) na obra de Karl Marx. Muitos estudos foram feitos com base nas mais variadas obras de Marx, tais como *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* (1844), *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte* (1851), *Grundrisse* (1857), o famoso *Prefácio* ao livro *Contribuição à crítica da Economia Política* (1859), entre outras obras (algumas escritas em parceria com Friedrich Engels).

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEPI/UFRJ) e Pesquisadora do Laboratório de Estudos Marxistas José Ricardo Tauile (LEMA/IE/UFRJ).

No entanto, não há muitos estudos que busquem na obra que expõe a abordagem sobre História do Pensamento Econômico de Marx, o livro IV de *O Capital – Teorias da mais-valia*, contribuições para a análise da questão da ideologia na obra de Marx.

Através da, breve, exposição da questão da ideologia em Marx, e da apresentação de alguns elementos sobre o método em Marx, pretende-se apresentar elos entre o método em história do pensamento econômico de Marx e a questão da ideologia, afinal, compreende-se que uma análise do pensamento (em especial o pensamento econômico) é indissociável de seus elementos históricos, políticos, sociais e ideológicos.

Além da sintética apresentação destas duas questões – a questão da ideologia no debate marxista e a relação entre ideologia e método em história do pensamento econômico – são apresentados alguns apontamentos de Marx acerca da obra de David Ricardo – considerado por Marx um dos principais nomes da economia política burguesa – de forma a expor elementos do método de análise em história do pensamento econômico de Marx.

A questão da ideologia na abordagem marxista: uma visão sobre o debate

A proposta de pesquisa que engloba este artigo parte dos seguintes questionamentos: *Tentando compreender um longo debate na tradição marxista em torno da questão da ideologia em Marx: há mais de uma concepção de ideologia na obra de Karl Marx? Qual conceito de ideologia Marx utiliza em sua produção em História do Pensamento Econômico?*

Pretende-se investigar como as possíveis diferentes acepções de Karl Marx sobre o conceito de ideologia influenciam e caracterizam a sua abordagem sobre História do Pensamento Econômico, realizada no livro IV de *O Capital – Teorias da mais-valia*. Partindo da análise feita por Marx dos chamados *economistas políticos clássicos*, com foco especial no estudo (e críticas) feito por Marx sobre David Ricardo pretende-se identificar qual o conceito de ideologia que norteia sua construção analítica em História do Pensamento Econômico, de forma a trazer uma contribuição para a extensa controvérsia no campo marxista sobre as possíveis diferentes noções de ideologia nas obras de Marx.

O termo “*ideologia*” já carrega em si diversos debates, e contradições. Para um debate bem fundamentado acerca do papel da ideologia na construção do objeto científico é necessário haver uma definição mais precisa do conceito de ideologia (já que esta questão não está fechada no debate epistemológico, havendo diversas definições, até mesmo definições conflitantes, tais como concepção de mundo, conjunto de idéias, doutrina, posicionamento político ou formas de legitimação de uma determinada prática de dominação).

Na construção desta proposta de projeto de pesquisa utiliza-se a(s) formulação(ões) de *ideologia* desenvolvida(s) por Karl Marx em suas obras (algumas em conjunto com Friedrich Engels). Considera-se que neste autor o conceito se apresenta de forma mais complexa – ainda que haja debates em torno da compreensão deste conceito em Marx, conforme será apresentado mais a diante – permitindo uma melhor apreensão da sociedade sob a ordem do capital e, portanto, para a análise da constituição da teoria econômica.

Em uma primeira tentativa de entender e apresentar como este conceito é compreendido dentro do campo marxista – visto que a partir do método materialista histórico dialético² – considera-se que há neste campo uma análise mais complexa acerca da questão da ideologia, ao se incorporar à análise questões como a historicidade do conceito e a materialidade, isto é, a noção de que as idéias não surgem de um ideário coletivo ou de um espírito geral, de uma espécie de balcão de idéias cuja variedade disponível estaria ligada diretamente à genialidade do pensador, simplesmente criadas em vazios, como raios em um céu limpo e estrelado, mas são as representações teóricas de processos sociais, econômicos e políticos, que não só refletem a realidade concreta que permeia o autor, mas que também influenciam esta realidade, alterando-a e transformando-a.

Pretende-se, desta forma, identificar qual a trajetória do conceito de ideologia na obra de Marx. No entanto, é necessário fazer uma digressão desta questão e buscar na discussão marxista como o conceito de ideologia aparece (e vai sendo modificado), afinal, como já afirmado, a produção intelectual de um determinado momento é influenciada pelas idéias e pela história que a precedeu. Sendo assim, um trabalho que pretende se inserir na discussão da tradição marxista sobre a existência de duas formulações sobre ideologia na obra de Marx precisa também analisar como este conceito aparece e é modificado nesta tradição.

O conceito “ideologia” é extremamente polissêmico, repleto de ambigüidades, contrariedades e polêmicas. Seguindo a metáfora que Leandro Konder (2002, p.12) utiliza na introdução da obra “A questão da ideologia”, a ideologia pode ser encarada como a esfinge moderna, que provocaria, ironicamente: “Decifra-me, enquanto te devoro”. Para evitar a destruição, aparentemente, iminente que o desafio da compreensão da ideologia nos coloca é preciso tentar compreender os diversos aspectos que este conceito pode assumir, seja em suas acepções negativas, seja em suas acepções positivas.

Terry Eagleton em sua obra “Ideologia” (1991) reconhece a dificuldade de se chegar a um único e fechado significado deste conceito, para o autor inglês, muito mais importante que uma

2 O debate acerca do método, e em especial do materialismo e da dialética, é um debate muito amplo e complexo que não caberia ser apresentado no escopo deste trabalho, pra uma melhor síntese do método materialista histórico dialético, ver mais a frente a seção acerca da metodologia da proposta de pesquisa.

única definição hermética do termo é o processo de análise do conceito em suas diferentes acepções, nos diferentes teóricos no processo da história das idéias e da chamada “sociologia do conhecimento”³.

“Ninguém propôs ainda uma definição única e adequada de ideologia, e este livro não será uma exceção. E isso não porque as pessoas que trabalham nessa área sejam notáveis por sua pouca inteligência, mas porque o termo ‘ideologia’ tem toda uma série de significados convenientes, nem todos eles compatíveis entre si. [...] A palavra ‘ideologia’ é, por assim dizer, um texto, tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais; é traçado por divergências históricas, e mais importante, provavelmente, do que forçar essas linhagens a reunir-se em alguma Grande Teoria Global é determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado.” (EAGLETON, 1991, p. 15)

Seguindo esta linha de raciocínio, o autor estabelece um conjunto de seis definições que poderiam contribuir para o mapeamento do conceito (Eagleton, 1991, p. 38-40):

- Ideologia pode ser entendida, de forma bastante ampla, como um processo material de produção de idéias, crenças e valores na vida social, de forma generalizada. Esta definição seria uma definição neutra, do ponto de vista político e epistemológico, mas, no entanto, enfatiza o aspecto material da determinação social do pensamento;
- Ideologia também pode ser entendida como o conjunto de idéias e crenças – sejam elas verdadeiras ou falsas – que simbolizam as condições e experiências de vida de um determinado grupo ou classe social, socialmente significativo. Este conceito se aproxima do conceito de “visão social de mundo”, que na definição de Michael Löwy (1985b, p. 13) pode ser entendida como “todos aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, idéias e orientações cognitivas. Conjuntos esses unificados por uma perspectiva determinada, de um ponto de vista social, de classes sociais determinadas.”;
- Como nenhuma das definições apresentadas até aqui explicitam a relação conflituosa que permeia a noção de ideologia, uma terceira definição para ideologia se faz necessária, uma definição, que, segundo Eagleton, “trate da promoção e legitimação dos interesses opostos” (p. 39) Neste sentido, “A ideologia pode ser vista aqui como um campo discursivo no qual os poderes sociais que se autopromovem conflitam e colidem acerca de questões centrais para a reprodução do poder social como um todo.” (p. 39);

3 Termo muito utilizado por Michael Löwy em suas obras de 1985: *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen* e *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*, ambos publicados pela Cortez Editora.

- Um quarto significado de ideologia conservaria a ênfase na promoção e legitimação de interesses setoriais, restringindo-a, porém, às atividades de um poder social dominante;
- “uma quinta definição, na qual a ideologia significa as idéias e as crenças que ajudam a legitimar os interesses de um grupo ou classe dominante, mediante sobretudo a distorção e a dissimulação” (p. 39);
- Por fim, Eagleton apresenta uma noção de ideologia “cuja ênfase recai sobre as crenças falsas ou ilusórias” (p. 40), este caráter ilusório seria, no entanto, proveniente do tipo de estrutura material da sociedade como um todo, e não somente dos interesses da classe dominante (mais a frente, neste trabalho, será possível perceber a articulação da noção de ideologia que Karl Marx apresenta em seu livro *O capital*).

Além destes elementos que podem constituir diferentes definições para o conceito “ideologia”, também podemos destacar os elementos “positivos” e “negativos” que podem compor o conceito. Alguns autores compreendem que a ideologia representa, necessariamente, elementos ilusórios, falsos e mistificadores, diretamente relacionados à dominação que uma específica classe realiza perante toda a sociedade (neste caso, a burguesia) e, portanto, negativos (por exemplo, esta é a concepção de Friedrich Engels). Enquanto outros não dão centralidade a este caráter negativo, mistificador da ideologia, e consideram que na “batalha das idéias” que pode vir a ser travada no espectro mais amplo da luta de classes poderia haver uma chamada “ideologia socialista/proletária” através da organização de uma visão social de mundo proletária, tal como Lênin argumenta em seu célebre escrito *O que fazer?*, que faria contraponto à ideologia conservadora da classe dominante burguesa.

Karl Marx aborda a questão da ideologia em diversos escritos – alguns deles, como *A ideologia alemã*, escritos em parceria com Friedrich Engels – em diferentes fases de sua trajetória intelectual. É possível destacar as principais contribuições de Marx neste campo nos seguintes escritos: *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* (1844), *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte* (1851), *Grundrisse* (1857), o famoso *Prefácio* ao livro *Contribuição à crítica da Economia Política* (1859), *O capital* (cujo livro I, volume I fora publicado em 1867, mas que compreende uma obra de quatro livros que só terminou de ser publicada em 1905, com a edição alemã de seu livro quarto – *Teorias da mais-valia*) e, por fim, ainda que cronologicamente anterior a outros escritos supracitados, a obra escrita com Friedrich Engels em 1846, *A ideologia alemã*.

Nestas diversas obras o conceito de ideologia aparece com nuances diferentes. A princípio a ideologia é apresentada como uma especulação metafísica idealista, que inverteria a realidade, tal como é apresentado em *A ideologia alemã*, enquanto que em outros escritos, tal como o *Prefácio* ao

livro *Contribuição à crítica da Economia Política* este sentido negativo da ideologia é apresentado de forma atenuada.

Esta concepção “negativa” da ideologia reflete a idéia de que as representações e idéias são ideológicas porque negam suas raízes na sociedade com efeitos politicamente opressivos, isto é, são reflexos das idéias das classes dominantes, no caso, a burguesia, e ocultariam as relações concretas da sociedade. Além disto, estas idéias poderiam se tornar ideológicas por serem expressões diretas de interesses materiais, instrumentos eficazes na luta de classes. As idéias da classe dominante formariam, assim, um elemento eficaz para a sua dominação política, através de seu caráter universalizante, mistificador, ilusório e naturalizante, que velaria a essência das relações sociais de toda sociedade⁴.

O sentido predominantemente pejorativo da ideologia será, contudo, atenuado em outros escritos. No *Prefácio* ao livro *Contribuição à crítica da Economia Política* (1859), um outro sentido da ideologia foi esboçado, um sentido que abre margem à interpretação da possibilidade de haver uma disputa da luta de classes no plano das idéias, uma disputa que se daria em várias frentes, não somente na desmistificação do caráter ilusório da ideologia dominante.

Em *O Capital*, através da análise da lógica do capital, em especial, da coisificação das relações sociais, as relações deixariam de ser entendidas como relações sociais, entre pessoas, passando a ser encaradas como relações entre coisas, e este aspecto, segundo Eagleton (1991), refletiria um novo patamar de acepção da ideologia. A ideologia seria, então, menos uma questão da realidade tornar-se invertida na mente do observador (ainda que este aspecto não deixasse de constituir o fenômeno ideológico) do que a mente refletir uma inversão real, segundo a interpretação feita por Eagleton. A ideologia, neste aspecto, seria parte do fenômeno da própria economia capitalista.

Além da colaboração com Marx no famoso texto *A ideologia alemã*, a concepção de Engels acerca da noção da ideologia pode ser destacada pela forma como Engels escreve sobre a ideologia em uma carta de 1893 a Franz Mehring. Nesta carta Engels se refere à ideologia como um processo de *falsa consciência* – ele usa exatamente este termo, algo que, segundo Eagleton (1991, p. 86) Marx nunca fizera. Esta concepção da ideologia como um processo de falsa consciência, ilusório teve e ainda tem forte influência no debate acerca da ideologia no campo marxista e não pode ser ignorado, ainda que, para alguns autores, não represente a totalidade do conceito, e sim seja o reflexo de sua face negativa.

4 No livro *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte* (1851) Marx apresenta elementos que seriam as “*formas ideológicas*” através das quais os indivíduos tomam consciência. Neste mesmo texto, segundo Löwy (1985b), Marx também apresentaria o conceito de “*superestrutura ideológica*”, que refletiria, as visões/concepções de mundo, um conceito que permeia a questão da ideologia, tornando-o um termo mais amplo.

É importante destacar a existência de uma polêmica em torno desta possível interpretação mais atenuada do conceito de ideologia em Karl Marx. Muitos autores não reconhecem a possibilidade desta interpretação e seguem afirmando que para Marx ideologia tem, necessariamente, uma conotação negativa. Faz parte do escopo desta proposta de pesquisa investigar esta questão, tendo como hipótese a possibilidade de interpretação da ideologia em Marx como um conceito que se transforma ao longo de suas obras, dando margem a interpretações mais atenuadas e menos pejorativas.

A questão da ideologia é uma questão que provavelmente seguirá por muito tempo sem uma formulação conclusiva. Quiçá sempre será uma questão em aberto, repleta de polêmicas e contradições. A escolha de começar esta análise através do marxismo se justifica por esta ser a corrente que coloca a questão do condicionamento histórico e social da ideologia e do pensamento em maior evidência, além de dar destaque para a relação indissolúvel entre teoria e prática.

Esta perspectiva do condicionamento histórico e social pode ser mantida se ao invés de ideologia for utilizado um outro termo. Seguindo o caminho proposto por Michael Löwy (1985a; 1985b), é possível utilizar a noção de “*visão/concepção social de mundo*” em detrimento da noção de “*ideologia*”, sem com isto ser necessário entrar em todos os dilemas e questões tidas como “negativas” que envolvem a concepção de ideologia, tais como as relações de dominação da visão da classe dominante perante toda a sociedade. Além da questão do condicionamento histórico e social do debate acerca da ideologia, a sua orientação relacionada com a prática deve ser destacada. Conforme Leandro Konder (2002, p. 261) ressalta, Marx e Engels em suas “Teses sobre Feuerbach”, destacaram que a questão ideológica só poderia ser resolvida através da *práxis*.

“A *práxis*, então, é a atividade pela qual o ser humano se auto-realiza, fazendo sempre recuarem os limites que lhe são impostos. É uma atividade que carece de qualquer ponto fixo de chegada. Precisa se reinventar e para isso deve criar sempre teorias novas, construir novos conhecimentos, assumindo novos riscos. Podemos concluir, assim, que, de algum modo, *a questão da ideologia não pode ser inteiramente resolvida, ou, ao menos, não pode ter uma solução cabal, conclusiva, tranquilizadora. Ela será sempre ‘resolvida’, na medida do possível, em cada época, em cada contexto específico.*” (KONDER, 2002, p. 262 – grifos próprios do autor)

Neste sentido, apesar de não haver pretensão de se formular uma concepção final a respeito da questão da ideologia, considera-se que este caminho que evidencia a perspectiva histórico e socialmente condicionada do termo e a sua materialidade inerente é o percurso mais seguro para uma boa caminhada no campo deste conceito tão espinhoso que é a “*ideologia*.”

No que concerne a História do Pensamento Econômico formulada por Karl Marx, é importante destacar, conforme feito por Reginaldo Sant’Anna, na nota do tradutor à edição brasileira (1980) do livro *Teorias da mais-valia*, que o estudo (analítico e crítico) feito por Marx das teorias econômicas formuladas nos períodos anteriores e também contemporâneos os seus escritos,

ou seja, seu estudo e formulação em História do Pensamento Econômico, é parte constitutiva do pensamento e da obra de Marx. Nas palavras de Sant’Anna, “É desse modo possível estabelecer relações e comparações entre suas teorias e as dos demais economistas, o que permite um conhecimento e uma avaliação mais seguros de suas idéias e proporciona capacidade maior de compreensão dos demais livros de *O Capital*.” (Reginaldo Sant’Anna, nota do tradutor à edição brasileira do livro *Teorias da mais-valia*, 1980, p. 9)

Desta forma, para compreender como Marx apresenta um determinado conceito – neste caso, *ideologia* – a análise de sua construção em História do Pensamento Econômico torna-se um importante instrumento.

O enfoque no estudo de Marx sobre a economia política clássica (burguesa) se justifica por Marx destacar elementos científicos – isto é, por considerar que nos autores deste grupo estariam afirmações teóricas bem formuladas e desenvolvidas⁵ – e também ideológicos, já que a produção destes autores está condicionada por sua posição de classe – burguesa. Assim, o estudo sobre a análise da obra dos economistas políticos clássicos é um fértil campo para a compreensão da noção de ideologia em Marx.

Mais especificamente, a obra de Ricardo torna-se emblemática neste sentido, pois, nas próprias palavras de Marx, no livro *Contribuição à crítica da economia política*, “Ainda que envolvido nesse horizonte burguês, Ricardo faz a dissecação da economia burguesa – que é muito mais distinta em suas profundezas do que parece na superfície – com tal agudez teórica” (MARX, [1859] 2008, p. 88).

Assim, a partir da análise dos estudos (críticos e analíticos) feitos por Marx da obra de Ricardo, pretende-se encontrar elementos que caracterizam a concepção de ideologia de Marx, de forma a avançar na polêmica existente na tradição marxista em torno da noção de ideologia de Marx, além de dar destaque ao elemento ideológico nos estudos em História do Pensamento Econômico.

Ideologia e o método de HPE em Marx

O principal elemento metodológico que permeia (toda) obra de Marx (sendo apresentado e utilizado por este autor) é o método materialista histórico dialético.

5 Em oposição aos chamados *economistas vulgares*, a quem, nas palavras de Marx

“Não interessava mais saber se este ou aquele teorema era verdadeiro ou não; mas importava saber o que, para o capital, era útil ou prejudicial, conveniente ou inconveniente, o que contrariava ou não a ordenação policial. Os pesquisadores desinteressados foram substituídos por espadachins mercenários, a investigação científica imparcial cedeu lugar à consciência deformada e às intenções perversas da apologética.” (MARX, Posfácio da segunda edição de *O Capital*, Marx, Londres, 24 de janeiro de 1873, In *O Capital* [1867] 2006, p. 11)

A partir da combinação do pressuposto materialista (sinteticamente, da noção de que as coisas existem, são concretas, e que é a partir da sua existência que são formuladas concepções e idéias sobre estas coisas – o “concreto pensado” – e portanto, que o movimento histórico concreto exerce forte influência sobre as idéias de determinado momento histórico) com a lógica dialética (que fora apresentada por Georg Wilhelm Friedrich Hegel) Marx estrutura seu método.

De forma sintética⁶, é possível identificar alguns elementos gerais característicos da dialética. A lógica dialética busca o movimento próprio do objeto sob análise, não sendo possível a compreensão deste objeto sem a compreensão de seu movimento. O objeto “era, é e tende a ser”, realizando um movimento contínuo. Este movimento depende da contradição, e a contradição se faz presente em todos objetos, assim, cada forma é uma “união de contrários”, uma “identidade de contrários”, o que “torna o movimento permanente, pois cada forma trás em si o germe de sua superação, a sua contradição”. O movimento, gerado pelas contradições, leva a um ponto de ruptura no qual ocorre “um salto de qualidade”, surgindo assim uma nova forma, que supera a anterior, mas também carrega em si alguns de seus elementos. Além disto, esta nova forma também se constitui em parte do germe que gerará a sua superação, ou seja, sua negação.

Nesta lógica, o concreto surge no pensamento como uma síntese, sendo o resultado e não somente ponto de partida (ainda que seja o ponto de partida da intuição e da representação do concreto), é assim, o “concreto pensado”. Neste método, a análise e a síntese estão unificadas, portanto, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto, agora compreendido (por meio do pensamento).

É possível perceber que neste método proposto por Marx a incorporação da história na elaboração científica se torna fundamental, através da materialidade das relações sociais que constituem o objeto em questão e de sua expressão superestrutural, assim, Marx afirma que cada apresentação das formas de produção (e reprodução) da existência humana têm correspondência com formas específicas de estruturação social, além de valores e formas de apreensão da realidade.

A construção da história do pensamento econômico seria, portanto, um processo de compreensão das formas de apreensão da realidade econômica estruturada em cada tempo histórico específico, substancialmente influenciada e determinada pelos valores sociais desta época específica, o que torna a visão social de mundo um elemento inseparável do processo de formulação teórica, em especial no campo econômico.

⁶ Ver MALTA e CASTELO, 2010.

Sobre esta relação entre o real e o pensamento, Marx afirmou em seu Posfácio da segunda edição de *O Capital* {[1867] (2006), p. 16} (Londres, 24 de janeiro de 1873):

“É mister, sem dúvida, distinguir, formalmente, o método de exposição do método de pesquisa. A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori.”

A abordagem para analisar o pensamento econômico desenvolvida por Marx tem como elemento fundamental, em total sintonia com o seu método⁷, a compreensão do pensamento econômico como um elemento indissociável entre a análise da realidade histórica e a visão de mundo sobre a qual esta análise é feita, desta forma, a presença dos elementos históricos, sociais, políticos e ideológicos não pode ser ignorada no processo de formulação em economia. Assim, realizar estudos em história do pensamento econômico significa compreender as diversas interpretações e formulações econômicas de acordo com seu tempo histórico, seus elementos ideológicos e seus valores.

A ideologia se apresenta, portanto, como um elemento fundamental para um aprofundado estudo do método de construção da história do pensamento econômico desenvolvido por Karl Marx. Sabe-se que a análise (crítica) da teoria econômica feita por Karl Marx ao longo de sua obra – em especial do livro *O Capital* – teve como referencial de estudo o mapeamento da história do pensamento econômico até o seu tempo. Este estudo tem nos três volumes do livro IV de *O Capital* também conhecido como *Teorias da Mais-valia*, ou *História das doutrinas econômicas* a sua principal expressão. Assim, faz-se necessário um mergulho nesta obra para compreender seu método.

O estudo de Marx sobre David Ricardo: o caso da “teoria sobre o preço de custo”

Marx apresenta, analisa e critica a obra e a teoria de David Ricardo (1772 – 1823) ao longo dos três volumes de seu livro *Teorias da mais-valia*, dando ênfase especial à obra deste autor no volume II. Alguns elementos do pensamento de David Ricardo acerca de suas teorias do valor e da distribuição – o capítulo X “Teoria de Ricardo e de A. Smith sobre preço de custo (refutação)” – serão sintetizados nesta seção como um exemplo deste estudo realizado por Marx.

⁷ É importante destacar que a contribuição em HPE de Marx segue seu método e é parte constituinte dele, já que a análise de HPE de Marx constitui o seu trabalho de formulação de uma interpretação crítica ao capitalismo, através da análise aprofundada dos diversos autores e as diversas análises da realidade capitalista expressa pelos teóricos que constituíram a economia política, Marx pode apreender o mundo no qual vivia e analisava.

Marx (1980, p. 596-597) afirma que a análise de Ricardo parte da noção de que os valores relativos (ou, nas palavras de Marx, valores de troca) são determinados pela quantidade de trabalho. Isto é, o trabalho é visto por Ricardo como a *substância* que “igualam” mercadorias, que estas mercadorias são, na qualidade de valores de troca, iguais e que por isso são ‘valor’, variando a magnitude de acordo com maior ou menor conteúdo desta substância. Marx apresenta algumas ponderações com relação a esta noção de “*quantidade de trabalho*” apresentada por Ricardo, destacando que não realiza uma aprofundada investigação acerca do *caráter* deste trabalho, não examinando a sua *forma* – “propriedade específica do trabalho de gerar valor de troca ou de representar-se em valores de troca” (1980, p. 597). Segundo Marx (1980, p. 597), “sua obra, desde o início, só se trata da *magnitude do valor*, isto é da circunstância de as magnitudes de valor dar mercadorias serem proporcionais às quantidades de trabalho requeridas para produzi-las”. Seu método, portanto, “parte da determinação da magnitude do valor da mercadoria pelo tempo de trabalho e *investiga* se as demais condições e categorias econômicas *contradizem* essa determinação ou até onde a modificam” (Marx, 1980, p. 597, grifos do autor). Marx destaca que este método tem méritos – a legitimidade histórica e a necessidade científica – no entanto, apresenta insuficiências – sua apresentação meramente formal, omissão de “necessários elos intermediários” e procura imediatista por “provar a congruência entre as categorias econômicas” – o que leva Ricardo a não apreender determinados fenômenos do capitalismo, levando-o a desenvolver teorias frágeis e criticáveis, tal como sua teoria monetária.

Marx destaca que Ricardo é quem afirma categoricamente que “O fundamento, o ponto de partida da fisiologia do sistema burguês – para compreender seus nexos orgânicos internos e processo vital – é a determinação do *valor pelo tempo de trabalho*.” (Marx, 1980, p. 598, grifos do autor). Esta posição de Ricardo marca um ponto de inflexão na ciência econômica, levando à necessidade de verificação das formas através das quais os fenômenos econômicos se relacionam com as categorias desenvolvidas e descritas pela ciência econômica – as relações de produção e de circulação. Marx destaca que este ponto de inflexão abre espaço para verificação, de forma geral, da forma “como se comporta essa contradição entre o movimento aparente e o real do sistema”. Além destes elementos, Marx afirma que é de grande importância a “circunstância de ele descobrir e expressar a contradição econômica entre as classes – segundo se patenteiam os nexos causais; em consequência, a economia apreende e revela as raízes da luta histórica e do processo de desenvolvimento.” (p. 599)

As acima apresentadas falhas do método de pesquisa de Ricardo refletem na organização de sua obra. Para Marx, é possível dizer que toda a teoria de Ricardo está contida nos seis primeiros capítulos de sua obra, em especial, o cerne sua teoria está contida nos dois primeiros capítulos, nos quais

“confronta ele com seu princípio da determinação do valor, das relações de produção burguesa desenvolvidas e portanto as categorias desenvolvidas da economia política e examina até onde elas diretamente concordam com este princípio ou o que se passa com os desvios aparentes que elas introduzem na relação de valor das mercadorias. Esses capítulos contêm toda a sua criticada economia política até então vigente, a categórica ruptura com a contradição contínua de A. Smith entre o modo de ver esotérico e exotérico, e proporcionam, por meio dessa crítica, resultados que são de todo novos e ao mesmo tempo surpreendentes.” (Marx, 1980, p. 601)

Marx afirma que nestes primeiros capítulos é possível extrair os melhores elementos da teoria de Ricardo, incluindo algumas críticas realizadas por Ricardo à obra de Adam Smith – o que é um elemento interessante, já que Ricardo absorve muitos elementos de Smith – no entanto, Marx considera um grande desnível teórico entre estes dois capítulos da obra de Ricardo e os demais, que seriam consideravelmente inferiores.

O fato de Marx destacar os méritos teóricos destes capítulos não o impede de revelar as falhas, inconsistências e limitações dos argumentos de Ricardo. Ao longo das seções do capítulo X (“Teoria de Ricardo e de A. Smith sobre preço de custo”) dedicadas à obra de Ricardo, Marx apresenta as incompreensões sobre as formas do valor, alguns elementos sobre sua visão de preços de custo (e sua relação com o valor), preços de mercado, preço natural, lucro, valores relativos, formas do capital.

Marx destaca (1980, p. 602, grifos do autor) que primeiro Ricardo apresenta *valor* como *valor de troca*, e o define tal qual Smith havia definido, como “*poder de comprar outros bens*”. Esta seria, segundo Marx, a forma como o valor de troca aparece de forma imediata. Depois Ricardo apresenta uma outra definição de valor, tratando-o como “*valor relativo*” e relacionando-o com a “quantidade proporcional que o trabalho produz”. Neste caso Ricardo usa “valor relativo” como o valor de troca determinado pelo tempo de trabalho. Mas, Marx destaca (1980, p. 602-604) que na obra de Ricardo valor relativo pode ter outro sentido, “quando exprime o valor de troca de uma mercadoria no valor de uso de outra” (p. 602), o que pode ser também chamado de “valor comparativo” (p. 603), que diz respeito à *variação* de valor relativo de determinadas mercadorias a serem comparadas. E, nas palavras do próprio Ricardo (1986 [1817], p. 35, grifos do autor), é sobre “os efeitos das *variações no valor relativo das mercadorias*” que sua investigação se debruça.

Ricardo destaca que o valor da mercadoria ser determinado pelo tempo de trabalho diz respeito tanto “ao trabalho que se aplicou de imediato à mercadoria no último processo de trabalho, quanto ao tempo de trabalho contido na matéria-prima e nos meios de trabalho necessários à produção da mercadoria” (Marx, 1980, p. 605).

Marx explicita (1980, p. 605-606) que Ricardo não chega à idéia de capital constante (confunde com capital fixo). Para Marx, a diferença entre a proporção em que o capital constante e o capital variável constituem partes do mesmo montante do capital em diferentes ramos de

produção está totalmente relacionada à questão da mais-valia e o fato de Ricardo não chegar à idéia de capital constante não o permite perceber esta relação. O foco de Ricardo reside nas formas do capital e nas diversas proporções em que o mesmo capital assume estas diferentes formas. Está preocupado “com *as diferenças de forma oriundas do processo de circulação do capital*: capital fixo e circulante, capital mais ou menos fixo (ou seja, capital fixo de duração diversa) e velocidade desigual de circulação ou número diferente de rotações do capital” (Marx, 1980, p. 606, grifos do autor).

Além da questão da confusão do capital constante com o capital fixo, Marx destaca que é problemática a forma como Ricardo conduz sua pesquisa. Ricardo parte da suposição de que a taxa geral de lucro (ou o lucro médio de igual magnitude) para diferentes aplicações de capital de grandeza igual ou para ramos de produção diversos onde se investem capitais de montante igual. Para Marx, Ricardo não deveria partir deste pressuposto, mas “deveria antes ter pesquisado até onde sua existência corresponde efetivamente à determinação dos valores pelo tempo de trabalho, e teria descoberto que, ao invés de lhe corresponder, a *contradiz* à primeira vista, e assim, teria primeiro de elucidar sua existência por meio de uma série de elos intermediários” (Marx, 1980, p. 606, grifos do autor). Marx afirma isto por considerar que Ricardo confunde lucro com mais-valia, os identificando de forma imediata. E para Marx, se Ricardo conduzisse sua pesquisa de forma diferente, tal qual sua “sugestão”, ele poderia não ter feito esta confusão.

Em seguida a esta suposição (da igualdade da taxa geral de lucro), Ricardo passa a investigar a relação da variação dos salários sobre os capitais e, portanto, sobre os lucros. Ricardo afirma que a composição do capital (isto é, a existência de muito ou pouco capital fixo) influencia na forma como estes capitais se comportarão dada uma variação nos salários. Logo, para Ricardo, para nivelar os lucros nos diferentes ramos, de forma a tornar a taxa geral de lucro única, “os preços das mercadorias têm de ser regulados de maneira diferente, em contraposição a seus *valores*” (Marx, 1980, p. 607, grifos do autor), e estas diferenças influenciam os “valores relativos” ao variarem os salários. Estas diferenças (ainda que não alterem os valores em si) geram preços médios que divergem dos próprios valores, isto é, preços de custo que não são determinados diretamente pelos valores das mercadorias, mas sim, pelo capital adiantado para produzi-las acrescido do lucro médio. Ricardo conclui que os preços de custo são idênticos aos valores, e parte deste pressuposto para formular e fundamentar sua teoria da renda fundiária. Marx destaca que Ricardo errou nesta conclusão, o que acarreta em diversos erros em sua análise sobre a renda fundiária. Para Marx, Ricardo deveria ter afirmado que “divergem esses *preços de custo* médios e os *valores* das mercadorias” (Marx, 1980, p. 607, grifos do autor).

Ao longo de sua obra, Ricardo apresenta diversos sentidos para fenômenos similares, e Marx dá bastante destaque a estas questões em suas anotações sobre a teoria de Ricardo sobre o preço de custo.

Em sua formulação sobre a teoria da renda, Ricardo apresenta duas proposições opostas que expressam os efeitos da concorrência. A primeira afirma que os produtos de um mesmo ramo se vendem a um único (e mesmo) valor de mercado. Esta proposição “se aplica aos diferentes capitais autônomos empregados no *mesmo ramo de produção*” (Marx, 1980, p. 637, grifos do autor). Neste caso, em que a concorrência se dá dentro de um ramo específico da economia, “a concorrência gera o *valor de mercado*, isto é, o *mesmo valor* para mercadorias do mesmo ramo de produção” (Marx, 1980, p. 637, grifos do autor), Marx destaca que ainda que este valor igual tenha de produzir lucros diferentes, gera o mesmo valor.

De acordo com a segunda, o processo de concorrência gera uma taxa geral de lucro, isto é, a taxa de lucro tem que ser a mesma para cada aplicação de capital na economia. Esta proposição se aplica aos capitais, aplicados, necessariamente, em diferentes ramos de produção. Neste caso, a concorrência se dá entre os capitalistas nos diferentes ramos da economia, desta forma, “a concorrência gera o preço de custo, isto é, a *mesma taxa de lucro* nos diferentes ramos da produção” (Marx, 1980, p. 638, grifos do autor). Sobre este caso, Marx faz o destaque que a igualdade da taxa de lucro contradiz a desigualdade dos valores, só podendo se impor “por meio de *preços que se distinguem dos valores*” (Marx, 1980, p. 638, grifos do autor).

É importante destacar que esta análise de Ricardo sobre o processo de concorrência se aproxima consideravelmente da análise feita por Adam Smith – Marx afirma em diversas passagens do capítulo que a falha de Ricardo em muitas ocasiões decorre de uma incorporação não-crítica das análises e conclusões de Smith – no entanto, o avanço do sistema de crédito na época de Ricardo o permitiu analisar de forma mais precisa o processo de migração de capital de um ramo para o outro.

Ricardo apresenta duas interpretações sobre o conceito “preço natural”. Primeiro considera o preço natural como valor, ou seja, “o preço determinado por seu tempo de trabalho relativo” (Marx, 1980, p. 642). Neste sentido, apresenta “preço de mercado” como “desvios acidentais e temporários desse preço natural igual ao valor” (Marx, 1980, p. 642). No entanto, ao longo do resto do capítulo IV (“Sobre o Preço Natural e o de Mercado”), Ricardo considera o “preço natural” como “preço de custo”, o que é diferente do conceito de valor. Neste sentido, o preço de custo, e portanto, o preço natural, é o preço “em que é a mesma a proporção do lucro com os adiantamentos inseridos na mercadoria, embora *valores* iguais de mercadorias fornecidas por capitais em diferentes ramos contenham mais-valias muito *desiguais* e *lucros* portanto *desiguais*” (Marx, 1980, p. 642, grifos do autor). Logo, o preço, nesta visão, tem de ser diferente do valor da mercadoria para proporcionar o mesmo lucro e, conforme apresentado diversas vezes por Marx no capítulo X, “capitais de grandeza

igual fornecem *mercadorias com magnitudes de valor bem diversas*, conforme entre na mercadoria porção maior ou menos de capital fixo” (Marx, 1980, p. 642-643, grifos do autor). O processo de concorrência, para Ricardo, ajusta os preços nos variados ramos de produção de forma que o lucro se harmonize com o “valor do capital empregado”, mas não com o real valor da mercadoria. Esse ajustamento ocorreria da seguinte maneira: “o preço de uma mercadoria tem de ser elevado acima e o de outro comprimido abaixo dos respectivos valores reais.” (Marx, 1980, p. 643). Ou seja, é em torno “do preço de custo das mercadorias – isto é, as despesas nela contidas + a taxa geral de lucro – que a concorrência faz os preços de mercado girar nos diferentes ramos” (Marx, 1980, p. 643), e não em torno do valor.

Existem outras questões destacadas por Marx no capítulo X do livro *Teorias da mais-valia* acerca da teoria de Ricardo sobre o preço de custo que ilustram o tratamento feito por Marx da obra de Ricardo, no entanto, a título de conclusão, é importante destacar que vários equívocos de Ricardo, tais como acerca da renda fundiária, das leis de formação da taxa de lucro, por exemplo, “decorrem de não distinguir ele entre *mais-valia* e *lucro*, no seu procedimento com as *definições das formas*, em geral rudimentar e conceitualmente vazio como o dos demais economistas.” (Marx, 1980, p.646, grifos do autor).

É importante destacar a forma minuciosa com a qual Marx apresenta seus apontamentos sobre os diversos autores tratados no livro *Teorias da mais-valia*. Marx realiza uma análise crítica, expositiva e detalhada acerca das obras destes autores, de forma a extrair elementos que possam fazer sentido em seus escritos e de maneira a destacar as limitações e erros de análise de suas teorias.

Este trabalho é reflexo de um esforço inicial de pesquisa em andamento que visa realizar uma análise sobre o método em história do pensamento econômico de Marx, de forma a dar destaque aos elementos ideológicos presentes. Através do estudo de Marx acerca da obra de David Ricardo pretende-se extrair elementos que possam contribuir para a interpretação da relação entre a ideologia e o método em história do pensamento econômico desenvolvido e exposto por Karl Marx.

Referências Bibliográficas

- BENETTI, Carlo. *Valor excedente e moeda*. Rio de Janeiro, IE/UFRJ. (Texto para Discussão nº118), 1987.
- BHARADWAJ, Krishna. *Themes in value and distribution: classical theory reappraised*. London, Unwin Hyman, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2ª edição. São Paulo, Brasiliense, 2008.

DOBB, *Teorias do valor e da distribuição desde Adam Smith*. Trad. Álvaro de Figueiredo. Lisboa, Ed. Martins Fontes, 1973.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. Trad. Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo, Boitempo e Unesp Editora, 1997.

_____. *As ilusões do pós-modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

GANEM, Angela. “Teoria e método no espelho da história”. IN: CORAZZA, Gentil. (org.) *Métodos da Ciência Econômica*. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003, pp. 117-131.

GAREGNANI, Pierangelo; PETRI, Fabio. “Marxismo e Teoria Econômica Hoje”. IN: HOBSBAWN, Eric. *História do Marxismo*, vol. 12. Trad. Luiz Sérgio Henriques e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989, pp. 383-474.

GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

HUNT, E. K. *História do Pensamento Econômico*. Trad. José Ricardo Brandão Azevedo e Maria José Cyhlar Monteiro. 2ª edição. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 2005.

IASI, Mauro Luis. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. São Paulo, Expressão Popular, 2007.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

LIGUORI, Guido. *Roteiros para Gramsci*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2007.

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 18ª edição. São Paulo, Cortez, 2008.

_____. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. 1ª ed. São Paulo, Cortez Editora, 2009.

MALTA, Maria. *Controvérsia sobre a teoria da acumulação de James Steuart*. 2005. Tese – Departamento de Economia, Universidade Federal Fluminense.

MALTA, Maria; CASTELO, Rodrigo. *Marx e a história do pensamento econômico: um debate sobre método e ideologia*. Texto apresentado no seminário de pesquisa do Instituto de Economia da UFRJ no dia 25 de maio de 2010.

MARX, Karl. *Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico*. Vols. 1-3. Trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

_____. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Trad. Leandro Konder e Renato Guimarães. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo, Boitempo, 2004.

_____. *O Capital: crítica da economia política*. Vols. 1-6. Trad. Reginaldo Sant’Anna. 24ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

- _____. *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. Florestan Fernandes. 2ª edição. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. São Paulo, Boitempo, 2007.
- MEEK, Ronald. *Studies in the Labour Theory of Value*. London, Chapman and Hall, 1956.
- _____. *Economia e Ideologia*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1971.
- MÉSZÁROS, István. *O poder da Ideologia*. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo, Boitempo, 2004.
- _____. *Filosofia, ideologia e ciência social: ensaios de negação e afirmação*. Trad. Ester Vaisman. São Paulo, Boitempo, 2008.
- NAPOLEONI, Claudio. *O pensamento econômico do século XX*. Trad. José Fernandes Dias. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- _____. *Smith, Ricardo e Marx*. Trad. José Fernandes Dias. 8ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.
- RICARDO, David. (1817), Versão de P.Sraffa (1951); *Princípios de Economia Política e Tributação*, Coleção Os Economistas, Nova Cultural, 1986.
- RONCAGLIA, Alessandro. *The Wealth of Ideas: A history of economic thought*. Cambridge, Cambridge University Press, 2005.
- RUBIN, Isaak. *A history of economic thought*. London, Pluto Press, [1929] 1979.
- SCHUMPETER, Joseph. “Science and Ideology”. *The American Economic Review*, Vol. 39, n. 2, mar. 1949, pp. 346-359
- _____. “The Communist Manifesto in Sociology and Economics”. IN: *The Journal of Political Economy*, Vol. 57, n. 3, Jun. 1949, pp. 199-212.
- _____. *História da Análise Econômica*. Trad. Missão Norte-Americana de Cooperação Econômica e Técnica no Brasil (USAID). Rio de Janeiro, USAID, 1964.
- SRAFFA, Piero. Introdução. IN: RICARDO, David. [Versão de Piero Sraffa (1951)] *Princípios de Economia Política e Tributação* (Coleção Os Economistas), Trad. Paulo Henrique Ribeiro Sandroni, São Paulo: Abril Cultural, 1982 [1817] [1951], p. 3-35.
- TEIXEIRA, Aloísio. “Marx e a economia política: a crítica como conceito”. IN: *Revista Econômica*, Vol. 2, n. 4, Dez. 2000, pp. 85-109.
- TOLIPAN, Ricardo. *A necessidade da história do pensamento econômico*. Rio de Janeiro, IE/UFRJ. (Texto para Discussão nº 3), 1982.
- _____. *A ironia na história do pensamento econômico*. 1988. Tese de Professor Titular – Faculdade de Economia e Administração, Universidade Federal do Rio de Janeiro, FEA/UFRJ.
- ZIZEK, Slavoj. (org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996.